

V  
I  
K

60

*Artista brasileiro de maior representação nos principais acervos do mundo, Vik Muniz faz 60 anos e seleciona suas 10 obras mais emblemáticas com exclusividade para a Forbes. “A vida é a coisa mais preciosa que existe”*

POR DÉCIO GALINA

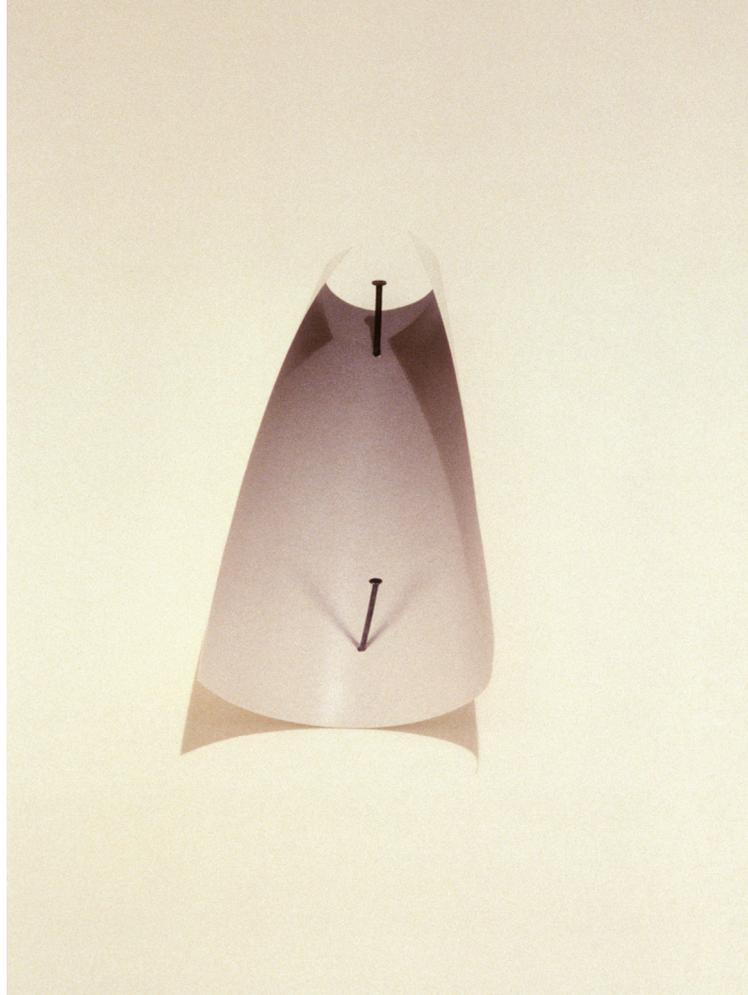
“Aos 60, a parte intelectual parece que acelera, você tem pressa, se dá conta de que não tem muito tempo. A marca dos 60 exacerba a ideia da finitude da vida. Viver com a ideia da morte é muito saudável. Sem contar que a gente aprende como é importante escutar e aprender com os jovens.” Palavras de Vik Muniz (ou Vicente José de Oliveira Muniz), aniversariante do dia 20 de dezembro, seis décadas celebradas com um intenso último bimestre no Brasil, com a exposição “Fotocubismo” na Nara Roesler, entre novembro e dezembro; o lançamento do livro “Epistemas”, no início de dezembro; e a inauguração, também em dezembro, da galeria Lugar Comum, instalada em plena Feira de São Joaquim, com exposição de abertura de Ernesto Neto. E 2022 começa no mesmo ritmo, com a exposição “Skins”, em Nova York, na Sikkema Jenkins&Co, com imagens em sua maioria em preto e branco, outra vertente da produção exibida na Nara Roesler.

“A vida é a coisa mais preciosa que existe – e ela é curta. Você precisa viver para valer: não é acumular, ter, poder. É viver. E, ao dar valor à sua vida, você imediatamente dá mais valor à vida do próximo. Quando a gente vê alguém legalizar garimpo em terra indígena, é uma pessoa que não tem apreço por si mesmo, nem pelos filhos, nem pelos netos. É terrível.”

Paulistano, vivendo na ponte entre Nova York, Rio de Janeiro e Salvador (onde tem casa e escuna), Vik Muniz é o artista brasileiro com o maior número de obras em coleções institucionais permanentes no mundo. São 165 instituições com itens do artista, acervos como os do Centre Georges Pompidou (Paris); Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofia (Madri); Guggenheim Museum e Metropolitan Museum of Art (ambos em Nova York); Museum of Fine Arts (Boston); Los Angeles Museum of Contemporary Art; Tate Gallery (Londres); e os Museus de Arte Moderna de São Paulo e do Rio de Janeiro.

O artista se enquadra como um “delinquente do ponto de vista de consciência médica, mas com consciência alimentar”. Vik dorme pouco, coisa de cinco horas por noite, “mas, se precisar, durmo menos e funciono.” Para ele, não há nada mais civilizado do que uma soneca após o almoço. Exercícios? Odeia, mas tem feito, motivado pela mulher Malu Barretto, produtora cultural com quem está casado há 13 anos. Quando está em Paris, dá uma trégua nos exercícios. “Lá é muita manteiga, pão, vinho, temos amigos chefs, comemos muito bem e... não engordamos! É incrível como não se engorda em Paris. Já em Nova York até o ar engorda.”

Vik diz que gosta de celebrações, vive com uma mulher muito festeira, mas é “um cara



### 1 TWO NAILS, 1988

“Essa é a primeira foto que fiz na vida – e considere uma obra de arte. É simplesmente a foto de um prego, com uma ilusão muito primitiva, mas que funciona. A ideia é fazer pensar como você cai numa ilusão dessa. Ela está no Museu de Arte Moderna [Nova York] e me dá muito orgulho. Talvez tenha a fórmula de todas as outras que fiz. Tudo o que faço tem alguma coisa desses dois pregos, essa tensão entre a coisa mental e a coisa física.”

### 2 MEMORY RENDERING OF MAN IN THE MOON, 1990

“Essa série [The Best of Life] foi a primeira de trabalhos fotográficos, e eu não tinha intenção de que fosse arte. Desenhei de memória fotos de um livro perdido, ‘The Best of Life’. Ai, fotografei os desenhos e imprimi com a retícula que era a linguagem que vi pela primeira vez, no jornal. A série demonstra o círculo de você absorver uma imagem do mundo, aquilo fazer parte do seu repertório e você devolver como uma releitura.”

### 3 THE ROWER, 1993

“São fotos de nuvens que, na verdade, são fotos de algodão, que fiz toscamente de arquétipos. Essas imagens são sobre a capacidade que nós temos de ver coisas e de controlar a leitura: você vê uma nuvem, um floco de algodão e uma pessoa remando um caiaque. Vê o que quiser, mas uma coisa por vez. Essa flexibilidade entre as leituras me ensinou como controlar a narrativa de interpretação de uma imagem fotográfica.”

#### 4 VALENTINA, THE FASTEST, 1995

“Essa série me pôs no mundo da fotografia. Estava quase desistindo da carreira de artista. Foi sorte. Fiz uma exposição pequena em Nova York, e o ‘The New York Times’ publicou uma resenha. Alguns meses depois, tinha a minha primeira retrospectiva no International Center of Photography. Eram retratos de filhos de cortadores de cana, que fiz numa praia [St. Kitts, Caribe]. Devo a minha carreira de 30 anos a essas seis crianças.”

mais entocado, não tenho muitos amigos, não fico ligando, se deixar, fico sozinho o dia inteiro, gosto da minha própria companhia, sou filho único.” Filho de Vicente, de 96 anos, cearense de Santa Quitéria, e dona Celeste, de 99 anos, paulista de São Joaquim da Barra, o artista nasceu em Santa Cecília, no centro de São Paulo, criou-se em um cortiço na rua Barão do Tatuí, aos 5 anos foi Pirituba e, aos 11, para o Parque Panamericano, próximo ao Pico do Jaraguá, morando ao lado de uma pedreira que explodia dinamite diariamente, às 11h. “Meu pai [garçom] levou dois anos para trocar o plástico da janela por vidro, e daí trincava tudo com as explosões – coisa que gosto até hoje; mas que assustava muito, até a galinha no quintal botava um segundo ovo de susto. A gente vivia com água do poço, era um frio desgraçado.”

As andanças de ônibus pelo centro da capital descortinaram possibilidades culturais que fizeram brilhar os olhos do adolescente. Brincar de fazer arapuca para pegar saracura, empinar pipa e ficar nas ruas do bairro periférico perto da natureza começaram a competir com outros programas. Teatro passou a ser um de seus interesses principais. “Eu estudava na avenida Pompeia e pegava um ônibus para voltar para casa, mas meus interesses estavam mudando, eu lia muito”, recorda Vik. “Um dia, eu estava voltando da escola e vi um portão vermelho aberto, gente entrando e saindo, um lugar bonito, perguntei se podia entrar, podia, tinha uma biblioteca com um laguinho, superagradável, grande, um lugar incrível, perguntei se podia ler, podia, e podia também levar o livro para casa. Pensei: ‘Você tá de sacanagem?’. Era o Sesc Pompeia, um lugar que mudou a minha vida. Foi lá que minha vida intelectual tomou formato. Devo tudo a eles.”

### Piquenique, festa e beijo

Cursou publicidade na Faap, trabalhou no ramo de outdoors, mas, no início dos anos 1980, resolveu que deveria ir aos EUA estudar inglês e fazer teatro. Passou oito meses em Chicago antes de dar uma passada rápida em Nova York em 1983 – e nunca mais saiu de lá. “Ta voltar para o Brasil, então, precisava ao menos visitar Nova York. Cheguei cedinho a Manhattan, esperei o Museu de Arte Moderna [MoMa] abrir, não gostei do Jackson Pollock, mas fiquei 10 minutos olhando “O Mundo de Cristina” [1948], de Andrew Wyeth, até hoje minha pintura favorita. Aí, fui ao Central Park, vi o pessoal carregando cestos de piquenique, garrafas de vinho para assistir à orquestra, resolvi acompanhar e fiquei emocionado, chorei... Me chamaram para tomar um vinho, depois para uma festa, conheci uma gatinha conversamos sobre arte, demos uns beijos, acabei dormindo no sofá do apartamento, acordei, tomei café da manhã com o pessoal... e naquele momento decidi que ia morar em Nova York. É um fim de semana que já dura mais de 30 anos.”

Ele está organizando uma exposição para daqui a dois anos em Santander (Espanha), que amarra a produção dos anos 1990, quando começou a manipular fotografia, com as obras recentes, trabalhos que alteram a superfície do plano pictórico. “Estou interessado em criar objetos únicos, que só fazem sentido quando se está na frente dele”, comenta. “Tenho uma impressora grandona, de jato de tinta. Posso fotografar uma coisa, imprimir, mexer na superfície, fotografar de novo... E assim vou criando camadas de representação, depois ainda faço três outras camadas físicas, de modo que você não sabe o que está vendo, nem onde a imagem acontece.”

Vik se envolve com trabalhos sociais e de ajuda o tempo todo. “Fiz uma exposição em Nova York para conseguir fundos para o resgate de obras após



### 5 ACTION PHOTO, AFTER HANS NAMUTH, 1997

“Foto do Jackson Pollock feita com chocolate está na primeira série de fotos grandes que fiz. Foi para a minha primeira exposição quando fui apresentado como fotógrafo em Nova York, uma série de exposições que se chama New Photograph, do MoMa. A foto tem a mesma ergonomia visual ou cognitiva de uma pintura. Você vê de uma distância maior. Essa coisa de escala está muito presente em meu trabalho.”

### 6 OUTLET (FÁBRICA, IRON MINE), 2005

“Fiz essa série em colaboração com a Vale do Rio Doce, em campos de mineração, telas enormes para realizar esses desenhos. Usei coisas banais e fáceis de achar, desenhos bobos em escala gigantesca. Fotografei usando helicóptero, na época não tinha drone, mas considero muito interessante. Quando mostro essas obras, tenho algumas que são falsas. São 24 verdadeiras e seis falsas.”

### 7 CROWD AT CONEY ISLAND, 89°, THEY CAME EARLY AND THEY STAYED LATE, JULY, 1940, AFTER WEEGEE, 2009

“Fiz essa imagem só com o suporte, que é papel. Levou muito tempo para ser feita. Ela é muito ordenada, feita de cinco tons do preto ao branco e três tons intermediários de cinza. É uma espécie de quebra-cabeça que não conseguiria ter feito sem o auxílio de um computador. Tanto essa série de papel como a de pigmento realçam o aspecto físico da foto, em um momento em que ela estava perdendo terreno para tecnologia digital.”



o incêndio no Museu Nacional [Rio de Janeiro, setembro de 2018]; fiz um trabalho com imagens de santos que salvou a creche de Santa Inês; no centro do Rio, a ONG Spectaculu (com Gringo Cardia e Marisa Orth) oferece formação e inserção profissional de jovens de escolas públicas na indústria de entretenimento; na Escola Vidigal atendemos a crianças de 4 a 11 anos com programa de alfabetização múltipla. Na pandemia, distribuímos tablets e conseguimos fazer chegar internet para as crianças seguirem estudando.”

Embaixador da Boa Vontade da Unesco, ele conta que tais prioridades o enriquecem. “As pessoas falam: ‘Ah, filantropia, você é uma pessoa legal’... Nada disso, sou interesseiro! Toda vez que me dedico a um projeto social, saio sempre com a impressão de que tirei muito mais do que dei. O prazer não está em ajudar, mas nas relações verdadeiras com pessoas que você não conhece e para quem pode levar um pouco de esperança.”

Associado à ONG Artolution, o artista montou um centro de arte em um dos maiores campos de refugiados do mundo, Kutupalong Balukhali, em Bangladesh, lotada de rohingya, minoria expulsa de Mianmar. Ele apresenta mapas para as pessoas indicarem onde pensam que estão e para onde querem ir – a dinâmica vai virar um documentário em parceria com Max Frieder. “Isso faz parte do meu trabalho, me alimenta, me leva a lugares onde quero estar.” Em situações de extrema necessidade, Vik encontra esperança. “Aos 60 anos, o que mais me alegra é a própria alegria. Em lugares como Kutupalong, as pessoas não têm certidão de nascimento, nunca foram para a escola, comem uma espécie de ração; no entanto, você interage e todos sorriem, você sorri de volta, cria momentos de extrema alegria com gente que não tem nada. Você encontra ali uma resiliência quase divina que se expressa pelo sorriso.”



## 8 MARAT (SEBASTIÃO), 2008

“É obra icônica da série que originou o documentário ‘Lixo Extraordinário’ [sobre os catadores de lixo em Duque de Caxias (RJ), vencedor dos prêmios de público em Berlim e Sundance e indicado ao Oscar em 2011]. Ela aconteceu numa fase da minha carreira em que já me via como um artista, então, você passa a se perguntar para que serve arte. Descobri que a arte se estende além da minha experiência, e isso me deu ânimo.”

## 9 LA JAPONAISE, AFTER CLAUDE MONET, 2006

“É uma imagem feita puramente com pigmentos soltos. Se você espirrar, o desenho se desfaz. Não dá nem para ficar respirando muito perto, pois [além de desmanchar] alguns deles são venenosos. É uma imagem importante, demorou para realizar, foram quatro meses trabalhando com ferramentas de dentista para colocar quase grão por grão de pigmento, em um trabalho muito intrincado e delicado.”

## 10 ZEBRA, AFTER GEORGE STUBBS, 2011

“Um dos primeiros trabalhos da série que começou com fotos de revistas, depois fotos de álbuns de fotografia, fotos de cartões-postais. Convivo bastante com a Zebra, pois ela está na minha sala de jantar. É esquisito esse animal da Rainha Vitória no fundo verde, uma foto feita a partir de uma pintura inglesa. Por alguma razão, me identifico com ela, pois gosto de ser a coisa estranha no contexto em que estou. Me vejo muito nessa zebra.”